

# A mulher no comando da Marujada: “Ser Capitoa” da Marujada de São Benedito de Bragança-Pa<sup>1</sup>

Ester Paixão Corrêa  
Doutoranda do Programa do Pós Graduação em Antropologia Social - UFRN

## Resumo

Este trabalho procura revelar a presença das mulheres nas festas religiosas, por uma perspectiva agentiva, na qual as mulheres são vistas como protagonistas. Considero as manifestações culturais como parte de um passado que se transformou por meio das agências das sujeitas que mediante as ações e estratégias conseguiram manter vivas as suas manifestações culturais. Trago as Capitoas da marujada; representação máxima de um ritual de dança que é considerado o mais importante da Festa de São Benedito de Bragança, no estado do Pará. A Capitoa é a protagonista da marujada e comanda as demais marujas durante a festa, que inclui *performance*, dança e religiosidade(s). O objetivo deste trabalho é analisar a presença da Capitoa na marujada, realizando uma reconstrução da presença histórica dessas personagens. Esta pesquisa é parte de uma etnografia que buscou na observação participante, nas entrevistas, nos registros da atual Irmandade de São Benedito e na bibliografia os dados para traçar uma narrativa que privilegia a histórias das Capitoas.

**Palavras-chave:** Ritual; Marujada; Capitoa.

## Introdução

As festas religiosas são um tema presente na antropologia desde longo período. As questões da ordem cultural que envolve religião, festa e ritual, têm sido registradas na disciplina por meio da etnografia, e se constituem como importante no seu arcabouço teórico. No início do século XX, começou a se pensar a importância da festa na organização social, a efervescência o sentimento de comunidade, os rituais, etc. (DURKHEIM, 1983), tem circulado desde então na teoria antropológica muitas discussões sobre rituais (LEACH, 1996) e seus símbolos (TURNER, 2005), que nos auxiliam a pensar conceitos e dimensões das festas, dos rituais, da religiosidade no mundo contemporâneo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

No Brasil, o tema das festas tem auxiliado a localizar o lugar destas na construção da identidade cultural brasileira, revelando atores sociais, modos de vida, a importância das festas nas culturas locais, o lugar feminino nas festas (MARISE BARBOSA, 2006), que abarcam a diversidade das regiões do país. Na Amazônia, festa e religiosidade (MAUÉS, 2005; SILVA, 2013; SILVA, 2015; RAVAGNANI, 2015; LIMA, 2014) têm sido retratadas, a partir dos contextos e especificidades locais, influenciadas pelo imaginário amazônico de rios e lendas, tratando-as por suas perspectivas políticas, culturais, econômicas, dentre outras várias dimensões que podem apresentar.

A Festa de São Benedito de Bragança é uma das manifestações mais importantes do calendário de festas religiosas da Amazônia paraense. Faz parte do calendário das festas religiosas presentes em todo Brasil desde o período colonial, várias delas são palco do protagonismo feminino, se constituindo como universos simbólicos privilegiados, “bons para pensar” (LÉVI-STRAUSS, 1989) as relações sociais.

Analiso a presença dessas mulheres nas festas religiosas, por uma perspectiva agentiva, na qual elas são protagonistas, considerando essas manifestações culturais e religiosas não como reminiscência de um passado que resistiu às transformações no decorrer do tempo, e sim como parte de um passado que se transformou de forma criativa (WAGNER, 2010) por meio das agências e projetos (ORTNER, 2007), que são formas de ação dos sujeitos diante de uma estrutura na qual as relações de poder são horizontais e piramidais. Um modelo no qual as manifestações culturais populares foram tidas como subalternas (AYALA, 2015), assim como é considerada ainda subalterna a posição da mulher nas sociedades, por tanto, se torna importante revelar a memória de/sobre essas sujeitas que mediante as ações e estratégias conseguiram manter vivas as manifestações culturais que na atualidade consideramos como patrimônios culturais do Brasil.

Dentre essas protagonistas, destaco neste trabalho as Capitoas da Marujada de Bragança, representação máxima de um ritual (LEACH, 1996) de dança considerado o mais importante da Festa de São Benedito que ocorre em Bragança no mês de dezembro, no estado do Pará. Nesse ritual a Capitoa é a protagonista, possuindo posição de comando diante das demais marujas.

O objetivo deste trabalho é analisar a presença da Capitoa na Marujada de Bragança, realizando uma reconstrução da presença histórica dessas personagens, revelando suas identidades e participação na marujada, trazendo também uma reflexão sobre os (re) significados do lugar de Capitoa no contexto contemporâneo da Festa de São Benedito.

Esta pesquisa é parte de uma etnografia, que segue os preceitos malinowskianos de trabalho de campo, observação participante, diário de campo. Uma percepção feminista que buscou nas entrevistas com marujas e com a atual Capitoa, nos registros da atual Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, na bibliografia sobre a festa e na observação participação na festa durante os anos de 2015 a 2017, os dados para contar uma história apagada da literatura sobre a festa, em uma narrativa que privilegia a histórias das Capitoas. Tento evidenciar a importância da participação histórica das mulheres na marujada, preenchendo com o texto uma lacuna que existe sobre esse protagonismo, considerando estas como sujeitas atuantes na manutenção da marujada no decorrer dos 218 anos de realização<sup>2</sup>.

A Festa pode ser dividida em dois ciclos; o primeiro é o período que compreende os meses de abril e dezembro, saída e chegada das três comitivas de esmoladores, quando estas saem de Bragança para determinadas áreas do município, retornando nos meses de novembro e início de dezembro. O período de culminância da festa inicia no dia 18 de dezembro com a Alvorada e encerra-se no dia 26. Nesse período, diversos rituais estão presentes: a procissão fluvial, a alvorada, os ensaios da dança no “barracão”, o leilão, a cavalhada, a dança da marujada, a procissão, as missas.

Nos dias 25 e 26 de dezembro ocorrem os dias de maior relevância, período em que, comandados pela Capitoa, marujas e marujos dançam a marujada no barracão, e no dia 26, quando marujas e marujos saem nas ruas de Bragança na procissão de São Benedito. A festa acontece em diversos espaços, por onde circulam devotos, turistas, marujas, marujos, políticos, religiosos, pesquisadores, transformando a cidade durante a festa em uma efervescência, um fluxo de pessoas, onde as pessoas se encontram, se confraternizam.

---

<sup>2</sup> Este trabalho é parte da etnografia que resultou na dissertação de Mestrado concluída em 2017 – PPGAS/UFPA - que tratou do protagonismos das mulheres marujas de Bragança (CORRÊA, 2017).

A marujada é uma composição de música, dança, *performance*, devoção, estética, formando uma estrutura hierarquizada, comandada por mulheres, mas que está intrinsecamente ligada a Irmandade da Marujada de Bragança - com uma forte característica paternalista - e a devoção à São Benedito. Tratarei de algumas dessas características. O conjunto de danças, que são apresentadas nos dias 25 e 26, se inicia com a roda, composta só por mulheres sob o comando da Capitoa e da vice-capitoa, seguida do retumbão, na qual o Capitoa e Capitão iniciam e encerram a dança que se caracteriza por voltas, é a dança mais tradicional da Marujada. Segundo Bordallo da Silva (1959) o ritmo do retumbão é semelhante ao do lundum. O chorado é a terceira dança e possui ritmo mais suave que o retumbão, porém a coreografia é a mesma, a diferença é que é dançado em par, inicia com o Capitão e a Capitoa. São essas danças consideradas originais da marujada, que sugerem muitos elementos das danças de influência africana.

Além dessas, outras danças fazem parte o conjunto; o xote bragantino e a mazurca, que são introduzidas posteriormente, mas fazem parte da *performance* de marujas e marujos, assim como outros elementos. Os trajes rigorosamente padronizados nas cores branca, azul e vermelha, que variam de um dia de apresentação de dança a outro, e são distintos para homens e mulheres, sendo das mulheres de maior destaque<sup>3</sup>. A marujada é uma ritual que está presente em diversos outros rituais da festa, sendo as marujas de grande importância na forma como a festa se organiza e é executada, e para além da festa, a identidade maruja/o é parte da vida cotidiana dos sujeitos, por tanto é uma identidade afirmada no contexto social bragantino, uma vez que a formação da sociedade bragantina está diretamente relacionada com a formação da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança<sup>4</sup> (IGSBB), possuindo origem em comum com a marujada.

---

<sup>3</sup> A indumentária inclui ainda o chapéu da maruja, que é de grande destaque na festa, e é um dos símbolos caracterizam o ritual. Com muitos adereços, como fitas coloridas, espelho, tecidos, são confeccionados pelas marujas artesãs, também se constitui um saber adquirido ao longo do tempo e fonte de renda para as artesãs.

<sup>4</sup> As Irmandades religiosas são instituições que se consolidaram no Brasil colônia e se espalharam por todo o território onde havia a influência do catolicismo, pois eram instituições atreladas à Igreja. Além de difundir o catolicismo serviam como estratégia para auxiliar na sustentação do sistema escravagista através do assistencialismo. Muitas Irmandades compostas por negros foram formadas no Brasil e podem ser vistas como espaço de resistência e organização política, por parte destes. A IGSBB está nesse contexto.

A cidade de Bragança foi marcada ferrovia Belém-Bragança, antes da ferrovia houve a formação de uma “sociedade da farinha”, que emerge em função da produção agrícola, caracterizada pelo cultivo da mandioca, na qual os negros tem imensa participação na formação sociocultural (ROSÁRIO, 2000). Nesse período se formou a IGSBB construída por negros, dando início a organização sociocultural, que mesmo com as imensas transformações ainda está presente na atualidade. Essa sociedade se formou em torno da valorização dos produtos agrícolas, que possibilitou o surgimento de uma elite intelectual e econômica, que fez circular muitos jornais e revistas. Por outro lado, ou na outra margem dessa “gente de primeira” (ROSÁRIO, 2000, p.36), estavam os agricultoras/es, pescadoras/es, etc. que vivenciavam uma prática cultural organizada por uma Irmandade que remetia as irmandades religiosas do período colonial.

Os meados do século XX, influenciado pela ferrovia que ligava a Capital Belém, foi o auge da economia bragantina, reverberando na formação cultural – com fortes influências da *Belle Époque*, como no cultivo de hábitos europeus no modo de agir, de vestir, de pensar, nas danças, etc. A Igreja de São Benedito era onde se encontrava os agricultores ou ainda dos subúrbios bragantinos, encontros que passaram a ser combatidos pela hegemonia católica bragantina através do ataque às manifestações religiosas populares, gerando grande tensão entre a Igreja e a Irmandade, mas já estava consolidada a devoção a São Benedito e a Marujada. É nesse período fase, que essas práticas culturais, tidas como folclóricas<sup>5</sup>, passam a circular como temas nas revistas, em poesias, contos, tem como tema de inspiração a devoção a São Benedito. Nesse processo, guardiões e guardiãs da cultura popular bragantina se mantiveram resistentes diante da tentativa de extinção da IGSBB e posse de seus bens, o que se consolidou de forma legal anos depois, porém, como bem imaterial se manteve cada vez mais forte, e as mulheres marujas tiveram grande participação nesse processo<sup>6</sup>.

### **A hierarquia da marujada: Tornar-se Maruja**

---

<sup>5</sup> A abordagem de Bordallo da Silva (1959:1) trata das manifestações culturais em Bragança como ‘folclóricas’, o autor não faz interpretação dos fatos folclóricos, se propõe a identificar “os hábitos, os costumes e credices dessa gente”, situando as manifestações culturais como hábitos e ‘credices’ dos bragantinos.

<sup>6</sup> Para compreender o papel das mulheres no processo de manutenção da marujada, ver a etnografia no qual analiso como se deu a participação das mulheres (Corrêa, 2017)

O ritual da marujada pode ser compreendido como simbólico e heterogêneo, é atravessado por diversas relações de poder, hierarquizações e negociações. É organizado pela Irmandade, se constituindo como espaço que expressa identidade cultural e favorece a aproximação dos/as devotos (as) com o Santo, outra característica é a hierarquia, a figura da Capitoa simboliza esse aspecto da ordem, que é mantida até nos eventos menores que antecedem a grande festa. Ser maruja é pertencer a uma Irmandade, que possui códigos morais, respeito a hierarquia, participação política e devoção religiosa.

A Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança surge na década de 1980 como uma, das várias, estratégia de sobrevivência de uma manifestação cultural secular. Naquele período, diante do ganho de causa por parte da Igreja, dos bens da Irmandade, que incluía a Igreja de São Benedito, e o temor que a Marujada, o bem mais precioso também fosse tomado, houve uma articulação entre os participantes, marujas e marujos, folcloristas, membros de famílias tradicionais ligadas historicamente a Irmandade. É fruto do rompimento da antiga Irmandade do Glorioso São Benedito São Benedito de Bragança (IGSBB), que havia sido transformada em sociedade civil, no ano de 1946. Porém, nesse processo de (re) articulação, tem um compromisso datado do dia 13 de janeiro de 1985, no qual passa a se denominar Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança (IMSBB).

Essa transformação da IGSBB em sociedade civil foi um marco para a produção cultural bragantina, justamente porque fortaleceu a Marujada, significava que a marujada era independente da Igreja, diante de uma articulação entre os produtores (re)inventar-se a irmandade, que agora tinha o nome da Marujada. A Irmandade é regida por um Estatuto que se estrutura em vários órgãos<sup>7</sup>.

Dentro da hierarquia da Marujada a Capitoa tem inquestionável poder de decisão, é ela quem comanda o ritual, e é seguida na hierarquia pela vice-Capitoa e pelas marujas ‘cabeça de linha’, que são as mais antigas do quadro permanente, e que a auxiliam durante o ritual. Elas tem um importante papel, pois estão há muito tempo na Irmandade

---

<sup>7</sup> O Estatuto da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, 13 de janeiro de 1985, diz no Artigo 2º: “A MARUJADA, organização profana de regozijo popular, a mais expressiva e genuinamente bragantina, tem por finalidade manter a organização de forma a poder continuar com a tradição, dando maior pompa e divulgação à festa do Glorioso São Benedito de Bragança e também prestar assistência às irmãs (os) marujas (os), na saúde, na educação, no lazer, e na economia de conformidade com o presente Estatuto”.

e, conseqüentemente, participando da festa. São também as que podem vir a ocupar o cargo máximo.

- “É, elas chamam cabeça de linha. Depois da Capitoa com a Vice-Capitoa, as mais velhas que são do quadro, são chamadas cabeça de linha. Cabeça de linha são aquelas que a Capitoa manda elas fazerem algum trabalho numa reunião ou mesmo na procissão, pra dá mais ordem. As cabeça de linha são importantes também, são as primeiras que são escolhidas pra dançar o retumbão. No caso é o capitão com a capitoa, vice-capitão com a vice-capitoa, no caso do retumbão. Ai depois quando sai elas duas, que elas deixam os dois aqui sozinho, que eles vão escolher outras eles, já pegam essas senhoras as mais antigas. Essa é a obrigação deles dentro da Marujada.”  
– Maruja Suely.

A gênese da marujada está associada às mulheres negras escravizadas que viviam em Bragança (ROSÁRIO, 2000, p.201-202) que sobrevieram à escravidão, e preservaram suas formas de culto religioso, como a dança e na música, também nas dramatizações e performances, dentro das Irmandades. As mulheres perpetuaram suas maneiras de cultuar os ancestrais africanos dentro dos terreiros, e que ainda está presente na religiosidade afro-brasileira. Minha perspectiva está de acordo com Landes (2002), que aponta para a centralidade feminina nos cultos da Bahia; nesses templos havia um clero formado por mulheres.

Com as grandes transformações do século XX houve, segundo Alencar (2014), um “processo de branqueamento”; da entrada dos novos devotos vieram novos elementos que influencia nas danças, como a incorporação de danças de origem europeia, acompanhado de uma espécie de “branqueamento político”. Nesse período, a marujada passa a ser tema de inspiração para poesias, crônicas, a figura da maruja passa a circular nas revistas e na literatura do “folclore” bragantino. Algumas crônicas que circularam nas revistas - Revista Bragança Ilustrada de 1952 -, Lobão da Silveira, escreve sobre a Marujada, algo que refletia também o imaginário sobre os negros na época, e como era visto a presença das marujas e capitoas :

E as marujas se enfeitam. Saias encarnadas e azuis. Blusinhas brancas, de rendas, chapéus de fitas da mais variadas cores, penas de garça e de guará, miçangas e vidrilhos, espelhos e contas. Tudo matizado, tudo alegre. O retumbão se ensaia. A capitoa comanda a turma. Reminiscência do passado. Santa ingenuidade que não faz mal a ninguém. O intuito vale tudo. É a homenagem a São Benedito. E elas vão passando, a viola tocando, a cuíca

roncando, girando, volteiando, tudo para agradar São Benedito.” (IAP 2000, p.105-106, grifos meu).

Além do destaque dado a Capitoa e as marujas enfeitadas, a marujada é associada a “restos de africanismos”, pela crônica percebemos o caráter folclórico dada à essa manifestação, como “coisa de negro”, mas que vale a pena por ser uma homenagem ao Santo que já era parte de uma “identidade bragantina” – ou bragantinidade (como chamou o poeta Jorge Ramos) - que despertava em torno do santo, da festa e da marujada. As representações que circulavam sobre as marujas e Capitoa, eram centradas especialmente na questão da indumentária - os trajes aparecem como destaque -, porém há referência à autoridade da Capitoa, um reconhecimento da sua liderança, sendo seguida por “suas” marujas. Podemos perceber também nas poesias de Bolívar Bordallo da Silva:

A “Capitoa” vai à frente,  
Com seu pequeno bastão,  
E as marujas, saudando a gente,  
Perpetuam a tradição” (IAP 2000, p.12)

Ou ainda

A “Capitoa”, airosa, surge à frente  
Suas marujas seguem seu bastão (IAP 2000, p.13)

Essas representações fazem referência a elementos importantes da autoridade e liderança da Capitoa, como o bastão de flores, presente na manifestação na atualidade, como símbolo de sua liderança, é utilizado durante os rituais. Além do mais, é possível perceber que as marujas são parte de sua *performance* e desempenho do seu lugar de autoridade, as marujas a seguem. Na atualidade, muitas dessas características estão presentes, mesmo com todas as transformações que ocorreram, principalmente dos meados do século XX até a atualidade. Para ser maruja é necessário seguir o estatuto da irmandade, no atual estatuto, no Artigo 4º, consta que “São irmã (os) da Marujada: s marujas (os) permanentes; As marujas (os) noviças (os); As marujas (os) de promessa”.

As marujas permanentes são aquelas que tenham participado por cinco anos consecutivos da Marujada e da Festa de São Benedito, e que tenham sido aceitas pela Capitoa ou Capitão; as marujas noviças que são aquelas que participaram por quatro anos consecutivos da marujada, e as marujas de promessa, são todas aquelas que desejam pagar uma promessa, podendo comparecer aos rituais da festa vestidas com trajes de marujas. São geralmente as marujas permanentes que participam dos rituais

externo à Festa de São Benedito, e estão mais envolvidas na organização através do vínculo com a Irmandade. Ser maruja da Irmandade requer cumprir obrigações para além do período da festa. Elas devem ir às reuniões, aos eventos para os quais são convidadas a se apresentarem; participam da chegada das comitivas, na chegada da procissão fluvial são elas que recebem o Santo no cais; e elas são também as promesseiras que recebem o Santo em casa, como é o caso da Capitoa.

Ao longo dos anos se construiu uma identidade (HALL, 2000; ESCOBAR, 2010; BRIONES, 2007) maruja que gira em torno do saber dançar, do pertencimento a uma irmandade, da devoção a São Benedito, em uma festa que é um universo simbólico e de recriação do mundo. Dançar o ritual da Marujada é aproximar-se do Santo e também dos espectadores, por tanto é necessário saber dançar assim como é requisito para se tornar um Capitoa, um cargo máximo, de prestígio no momento extraordinário da festa e também na “vida vivida”. A identidade maruja é parte de uma articulação das mulheres que se organizam historicamente em uma irmandade, das quais devem seguir códigos de condutas, o espaço onde as identidades individuais se inter cruzam com as coletivas para construir uma noção de pertencimento a um espaço, baixo a determinados símbolos e rituais que dão sentido a suas vidas na festa e cotidiana.

Nesse processo de transformação da cultural, é uma manifestação que se move, é dinâmica (WAGNER, 2010), se transformando ao longos de dois séculos, porém vem se resignificando através a entrada e saída de novos elementos, segundo o contexto cultural, político e religioso também se transforma. Mas para manter-se como manifestação cultural foi necessário que os atores criassem estratégias para seguir adiante, essas estratégias são formas de agencia, nas quais os sujeitos são responsáveis por levar adiante aquilo que faz sentido nas suas formas de dar significado ao mundo.

### **Tornar-se Capitoa: as capitoas da marujada**

Para ser Capitoa um critério importante é saber dançar bem, mas é uma escolha que não depende apenas disso, existem outros fatores que influenciam como a política e relações pessoais. Ela escolhe sua própria vice, que ocupará o cargo após seu falecimento, visto que é um cargo vitalício, é, portanto escolher e ser escolhida.

“Artigo 20 – Compete ao Conselho Diretor da MARUJADA organizar e dirigir a FESTA DA MARUJADA, mantendo a tradição.

Parágrafo 1º - O Conselho Diretor se compõe da Capitoa, da Vice-Capitoa, do Capitão e do Vice-Capitão.

Parágrafo 2º - A Capitoa, conforme a tradição é vitalícia, sendo a sua Vice de sua livre escolha, que a substituirá por seu falecimento, ou por impedimento ou renúncia.

Parágrafo 3º - O Capitão e o Vice são de escolha dos membros do sexo masculino da MARUJADA, com a concordância da Capitoa.”  
Estatuto da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança.

Para este trabalho foi difícil encontrar referências sobre as primeiras mulheres que ocuparam o cargo de Capitoas. Algumas referências podem ser encontradas na literatura, com poucos dados, ou ainda no Teatro Museu, que dispõe de algumas fotografias dessas personagens. Porém, pouco se sabe sobre elas, estão pouco presentes na memória das marujas, e não são nomes conhecidos, pois não entraram nas histórias contadas, aparecendo com pouca - ou nenhuma - referência na memória dos atuais. É como se houvesse uma imensa lacuna sobre as Capitoas, antes da década de 80.

Preenchendo um pouco dessa lacuna, Bordallo da Silva (1981) dedica algumas linhas do seu estudo para falar sobre as primeiras Capitoas. A primeira mulher a ocupar o cargo se chamava **Leocádia Maria da Conceição**, era uma escrava de José Caetano da Mota, que administrou Bragança entre 1879 e 1880. Por ser um cargo vitalício, nesses 200 anos o cargo foi ocupado por poucas mulheres.

Quem sucedeu Leocádia foi **Serafina Maria da Conceição**, Capitoa da Marujada até 1928, ano em que faleceu. Ela era filha de Raimundo Pretinho, que foi um dos irmãos que participou da administração da Irmandade. Em seguida, Olímpia Maria da Conceição assumiu, porém renunciou ao cargo em 1933, foi substituída por **Silvana Rufina de Souza**, a Tia Silvana, que nasceu em 1867 e faleceu em 1948. A Tia Silvana é uma das Capitoas antigas mais lembradas, é possível que seja pelo fato de esta ocupar o cargo no período em que a Marujada começou a ter visibilidade. Após a morte de Tia Silvana o cargo de foi ocupado por Maria Agostinha da Conceição, e a Vice-Capitoa era Benedita Tamanquinho (BORDALLO DA SILVA, 1981).

**Benedita Tamanquinho** (Benedita Ferreira da Silva) nasceu em 16 de outubro de 1901 e faleceu em 30 de julho de 1999. Foi a articuladora da transformação da Irmandade em Sociedade Civil, que propôs o desligamento das Marujas da antiga Irmandade e criou a Irmandade das Marujas de São Benedito. Em uma ocasião o atual presidente da Irmandade fez o seguinte comentário: - *“Disse que a Capitoa demonstrou através de pedido verbal o desejo de ver constituída uma Irmandade com o objetivo*

*específico de congregar as Marujas sob a denominação de Irmandade das Marujas de São Benedito de Bragança”<sup>8</sup>, e que atualmente é a Irmandade da Marujada (IMSBB).*



Figura 01: Capitoa Bené Tamanquinho  
Fonte: Teatro Museu da Marujada

Esse período foi o auge do conflito com a Igreja, que se dava em função da ação da Igreja pelos bens da marujada, uma tentativa de acabar com a manifestação de religiosidade do povo bragantino, diante dessa situação, as marujas se mantiveram firme na criação de uma nova irmandade que continuasse agregando marujas e marujos em torno da devoção de São Benedito.

Dona Bia - atual Capitoa e sobre quem escreverei adiante - afirma ter conhecido a Marujada na época em que a Bené Tamanquinho era a Capitoa, mas que não dançava nessa época. E relembra que – *“Ela adoeceu, e ficou parálitica. E a Sinoca era a vice dela. Ai a Sinoca ficou dançando, mas ela não era Capitoa, ela só passou a ser Capitoa quando a Bené Tamanquinho morreu. Mesmo ela não participando lá, mas ela era a Capitoa.”*

Dona Sinoca, como era conhecida **Firmina de Souza Pereira**, faleceu em 21 de maio de 2004. E por meio da análise das atas das reuniões da Irmandade em 1989, posso dizer que parecia ser uma mulher que sempre dizia o que tinha vontade, de personalidade forte, não perdoava ofensas, tinha pulso firme. Era acusada de não

---

<sup>8</sup> Ata da reunião do dia 08 de dezembro de 1984.

comparecer ao evento de chegada do Santo, ou na procissão. Ela se defendia dizendo que ‘fazia o que queria’ e que não era obrigada a fazer o que não queria. Com isso ela reforçava que seu vínculo era com a Irmandade e não com a Igreja, e reclamava frequentemente sobre desrespeito por parte de algum marujo ou maruja.



Figura 02 e 03: Dona Sinoca  
Fonte: Teatro Museu da Marujada

Dona Sinoca não se enquadrava nos moldes da devoção católica, era atuante na marujada, porém não demonstrava profundo interesse pelos eventos de forte apelo religioso, que eram controlados pela igreja, como a chegada do Santo via procissão fluvial, ou ainda na procissão do santo. Viveu com sua companheira, até seu falecimento.

Dona Bia relembra que “*quando eu entrei já era a Sinoca, quando eu conheci a Marujada era a Dona Bené Tamanquinho que chamavam. Nesse tempo eu não dancei, quando eu entrei pra dançar, já era a Sinoca, já era ela. Depois dela quando eu entrei era a Sinoca a Capitoa, e a Irá, era a vice... Quando a Sinoca morreu, a Irá ficou como capitoa. Ai a Irá que chamou outra pra ser vice.*”

Aracilda Corrêa, a Dona Irá, nascida em 21 de fevereiro de 1947 nos arredores de Bragança, viveu no Limondeua, região de Viseu e com 20 anos ou mais foi morar em Bragança, mas não foi uma mudança definitiva, pois depois morou em Mãe do Rio e, posteriormente, em Belém até receber a convocação do São Benedito para ser a capitoa da Marujada, só assim voltou a Bragança, e transformou-a em sua cidade. (ALENCAR,

2014). Ela ocupou a função de Capitoa no ano de 2004 se estendendo até seu falecimento em 02 de agosto de 2014. Após isso, sua vice-capitoa, Dona Zazá, deveria ocupar o cargo, porém esta faleceu alguns meses antes de Dona Irá, que então escolheu Dona Bia como sua vice-capitoa. Com o seu falecimento Dona Bia passou a ser a Capitoa e escolheu sua vice-capitoa.



Figura 04 e 05: Aracilda Corrêa (Dona Irá).  
Foto: Larissa Alencar e Teatro Museu da Marujada

A maruja Suely nos conta sobre um triste episódio da vida de Dona Irá, quando a ela teve uma de suas pernas amputadas, o que a impedia de dançar com a maestria com que era vista. Porém, estava sempre presente na festa, tanto na Marujada quando na procissão, usando uma cadeira de rodas.- *Essa Iracilda que ela amputou a perna, eu fiquei muito triste quando eu soube. Eu tava em Belém quando eu soube que ela amputou a perna. Pra mim até hoje, durante eu sou maruja, a melhor maruja que dançava era a Iracilda, sabe? Era Aracilda o nome dela. Então era a melhor que eu achava pra dançar era ela.*

### **Ser Capitoa da Marujada na atualidade: Capitoa Dona Bia**

Dona Bia é o nome pelo qual é conhecida **Maria de Jesus**, 59 anos, sendo 32 deles como maruja de São Benedito. Ela tem uma aparência forte mesmo tendo a baixa estatura, aparenta uma simplicidade e timidez confirmada durante nossas conversas. Carrega uma grande responsabilidade como a pessoa que comanda o ritual da marujada, as marujas e marujos. Se ‘saber dançar’ é um requisito importante para ser Capitoa, esta senhora flutua magicamente pelo salão ao passo do Retumbão. Confessou-me que começou a dançar por influência do marido, que já era marujo. Quando entrei em

contato com ela, me convidou a ir até sua casa, onde contou como começou a dançar a marujada. Sua vice-capitã é Dona Leuda, que foi por ela escolhida.

- *“Eu to com 32 anos agora, que passei pra Marujada. Eu entrei pra Marujada porque quando eu casei meu marido era marujo, quando eu tive meus três filhos, ai já tavam grande, que eu entrei pra marujada, fui dançar a marujada, e continuei dançando. E depois que eu tinha 25 anos de maruja, a Capitoa adoeceu, perdeu uma perna, e me botou pra dançar com a vice. Quando terminou, quando a vice morreu, morreu antes da Capitoa, ai ela me escolheu pra ser a vice dela. Logo depois, com 30 dias que ela tinha me convidado pra ser a vice, ela morreu. Ai eu passei automaticamente a ser a Capitoa. Ai, eu já escolhi outra pra ser a vice.”*

O primeiro contato com Dona Bia, uma senhora acolhedora e gentil, foi durante uma reunião de organização da festa, no Teatro Museu da Marujada. Nesse dia ganhou de presente da antiga Presidente da Assembleia Geral, Dona Conchita, um bastão<sup>9</sup> novo, que é a representação da sua autoridade. Ela ocupa o cargo de Capitoa desde 2014, sendo que em 2016 é a terceira participação na Festa como comandante de Marujada. Após aceitar conversar comigo, durante o ensaio me convidou para ir até sua casa, onde receberia a comitiva de esmoladores do Santo das Colônias, que iria pernoitar na sua casa antes de retornar para a Igreja de sua peregrinação, em pagamento de promessa.

A sua casa se localiza na periferia de Bragança, possui um imenso quintal com árvores que dá ao local uma sensação de frescor, onde foi servido um almoço em homenagem ao Santo no dia posterior a essa primeira visita. Durante minha visita algumas mulheres já se encontravam por lá; Era o dia em que o Santo chegaria a casa, seu esposo e também Capitão da Marujada Zé Maria, me acolheu gentilmente e apressadamente, pois estavam todos ocupados preparando o ‘jantar do Santo’,

---

<sup>9</sup> A Capitoa usa um bastão de flores azuis e vermelhas, que é uma demonstração de sua autoridade.



Figura 06 e 07: A Capitoa Dona Bia com seu bastão de flores; Dona Bia e a vice Dona Leuda.  
Foto: Mabell Seixas; Ester Corrêa

A chegada do santo foi anunciada pelo som dos tambores da comitiva, na porta de entrada da casa de onde Dona Bia houve um ritual de recebimento do Santo para pernoitar na sua casa. Algumas mulheres estavam na cozinha, preparando o jantar, dentre elas algumas eram marujas. Dona Bia recebe o Santo em casa, em pagamento de promessa, desde antes de ser Capitoa. A devoção a São Benedito, a fé, que resulta de uma graça alcançada, se materializa na obrigação de retribuir (MAUSS, 2003), preparando com muito esmero uma festa, para a qual se prepara ao longo do ano, com muita comida e celebração.

Assumi o cargo após a morte da antiga Capitoa Dona Irá, em agosto de 2014. – *“Eu nunca imaginei assim que iria ser a Capitoa da marujada”*, disse. Desde a fundação da Irmandade, a Marujada teve a sua frente a presença da Capitoa, uma mulher com a responsabilidade de fiscalizar os códigos de conduta da dança, assim como goza de respeito e prestígio na sociedade bragantina. – *“A organização intrínseca da Irmandade da marujada no que diz respeito a MARUJADA em si, na dança, nos desfiles, na apresentação é de competência exclusiva da Capitôa, a quem as Marujas (os) devem obediência, respeito e lealdade.”* Parágrafo 4º, Artigo 9º do Estatuto da irmandade. Politicamente, o cargo de Capitoa tem bastante influência, pois seu prestígio negocia influências com diversos setores da sociedade.

A maruja Maria me contou durante uma entrevista sobre a influência política da Capitoa: - *“elas têm assim uma influência na política, ai tem que ser... ‘é amigo da Capitoa’, não sei o quê, ‘é amigo da Capitoa da Marujada’, sempre se refere assim [...]*

*eu vejo assim que tem uma influência só o nome dela tem respaldo, não sei se é pela cultura, eu vejo aqui dentro da sociedade bragantina elas têm um destaque, são convidadas pra participar de eventos”.* Um cargo de visibilidade que desperta interesses.

O processo de escolha de Dona Bia foi incomum e conflituoso, uma vez que segundo a tradição uma Capitoa ao assumir o cargo, também escolhe sua vice, que é quem assume diante do falecimento desta. Porém nesse caso, Dona Ozarina Furtado, a Zazá, que era a vice-capitoa, faleceu meses antes da Capitoa, assim Dona Irá teve que escolher outra vice-capitoa, e o fez quando já estava doente.

*- “Quando ela ficou sem a vice, era muita gente que queria ser vice, inclusive até hoje tem gente que não gosta assim de mim por que... mas a Ira, a Capitoa, ela era uma pessoa que gostava muito de mim. Ela dizia que ela gostava de mim de graça, e ela, ela não veio nem assim, ela passou uma procuração pro presidente porque ela já tava doente pra ele ir, fazer a reunião e me apresentar como vice dela. Depois disso, ela passou ainda uns 15 dias, ela veio ai ela me entregou o bastão que ela disse que não dava mais conta, ela me entregou o bastão, e eu fiquei, só que ela não passou, acho que ela passou uns 30 dias só. Passou uns 30 dias e faleceu, ai eu automaticamente passei a ser a Capitoa.”*

Essa fala de Dona Bia demonstra que entre as participantes da Marujada há certos conflitos. O novo lugar político da festa impulsionado pela dimensão espetacularizada, pela ampla divulgação, se constituindo como um espaço para ‘ser visto’, desperta nesses atores a busca por posicionamentos estratégicos de visibilidade e também de status político. Mais que simbólico, o posto de Capitoa é um importante marcador político na festa. E a mulher está no centro dessa representação política, não apenas no papel da Capitoa.

A Capitoa é responsável por garantir que todas as marujas e marujos estejam com trajes adequados. Em um dos ensaios das danças ela se aproxima de uma maruja que veste uma saia fora do “padrão”, falando algo em seu ouvido, esta fica constrangida ao saber que não poderá dançar. Além de alguns episódios como este, o clima no barracão da dança é confraternização, remete à sociabilidade, ao riso, a brincadeira, onde as pessoas se conhecem, se reencontram. Proporcionando uma aproximação entre marujas (os) e Capitoa, que criam laços afetivos uns com os outros.

Durante as apresentações da marujada - nos dias 25 e 26 – a capitoa esta em volta em vários rituais, como o ritual de “ir buscar a Capitoa”, no qual marujas chegam de todos os lados na casa da capitoa, onde é servido um café da manhã e saem todas juntas, com vestimenta padrão para o dia. Dona Bia estava devidamente vestida com seus trajes nos dias 25 e 26 (azul e vermelho), e nas mãos seu bastão de flores. Ao seu comando as marujas formaram duas filas no centro do cortejo que seguiu até o largo de São Benedito, onde se concentram os principais espaços da festa.



Figura 08 - O cortejo da Marujada.  
Foto: Ester Corrêa

O barracão e o teatro museu da marujada são espaços principais das apresentações das danças, estavam todos enfeitados, e possuem uma mesa onde se organiza outros sujeitos da festa, nela tomam assento o juiz e a juíza, a Capitoa e a Vice-Capitoa que sentaram em duas cadeiras ao lado, o presidente da Irmandade, e por acaso, outras pessoas reconhecidas. Esses são os espaços de comando da Capitoa, onde ela fiscaliza, disciplina e dança. Além dos espaços da dança, sua presença é importante na procissão de São Benedito, no dia 26, na qual a procissão é conduzida pelo cordão das marujas – formado pelas marujas da irmandade -, no centro do cordão, capitoa e vice-capitoa ocupam lugar de destaque.

Ao final da procissão, ainda deve dançar a marujada. Esta última apresentação anuncia também o encerramento da festa, após dias intensos e cansativos, o abraço simbólico na igreja de São Benedito finaliza a festa. E a Capitoa volta a seu cotidiano, porém se reconhece que ela é Capitoa da marujada o ano inteiro.

### **Considerações finais**

Neste artigo realizei uma análise histórica da presença das mulheres na marujada, destacando a figura da Capitoa, como protagonista social. A presença da Capitoa como figura central em uma manifestação cultural tão importante e que se entende de longa data, mais de dois séculos de presença feminina no comando do ritual da marujada, me permite afirmar sobre esse protagonismo. Mesmo que a marujada seja historicamente relacionada à irmandade, e que as decisões hegemônicas partam de um líder, que é o presidente da instituição, as mulheres marujas sempre estiveram presente na organização dessa instituição. Elas estavam presentes em cargo de prestígio, como presidente da assembleia geral, são majoritárias em número de associações, também nas reuniões deliberativas e nas apresentações da dança.

A partir do que foi discutido aqui, deixo oportunidades em aberto para pensar sobre a presença feminina na construção e manutenção das festas religiosas e nas manifestações culturais na Amazônia, compreendendo como espaços privilegiados de análise dos significados daquilo que dá sentido as suas vidas, e da forma como atuam no mundo diante de seus desejos e realizam seus projetos pessoais e coletivos.

Ainda há muito a ser explorado sobre a vida dessas mulheres e sua presença na marujada, e o processo de construção de uma identidade que tem perpassado as gerações e desembocado na atualidade como uma manifestação cultural na qual a presença das mulheres é de fundamental importância.

### **Referencial Bibliográfico**

ALENCAR, Larissa Fontinele de. *No rastro dos “pés descalços”: da Marujada à narrativa literária*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Universidade Federal do Pará, Bragança, 2014.

AYALA, Maria Ignez. Cultura popular e temporalidade in *Metodologia para a pesquisa das culturas populares: uma experiência vivenciada*. AYALA, M. I.; AYALA, M.(Orgs). Crato: Edson Soares Martins Ed. 2015.

BARBOSA, Marise. *Um as mulheres que dão no couro*. São Paulo: Empório de Produções & Comunicação, 2006.

BORDALLO DA SILVA, Armando. *Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina*. Belém: Falangola, 1981.

BORDALLO DA SILVA, Armando. Contribuição ao estudo do folclore amazônico na zona brangantina. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*( 5), 1959.

- BRANDÃO, Carlos R.. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. *Cadernos de Pesquisa* 39(138): 715-746, 2009.
- BRIONES, Claudia. Teorías performativas de la identidad y performatividad de las teorías. *Tabula Rasa*. (6): 55-83, 2007.
- CARVALHO, G. *A festa do “Santo Preto”: tradição e percepção da Marujada Bragantina*. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- CORRÊA, Ester. 2014. *Mulheres Marujas de Bragança: percepções do lugar do feminino na Marujada de Bragança – Pará*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2014.
- CORRÊA, Ester. 2017. *Pérolas do Caeté: a dança das Marujas de São Benedito de Bragança-Pa*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós graduação em Antropologia. Belém, 2017.
- DURKHEIM, É. [1912]. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- ESCOBAR, Arturo. Identidad, in *Territorios de diferencia: lugar, movimientos, vida, redes*. 231-283. Popayán: Enviñon editores. Colômbia, 2010
- FERNANDES, J. *Pés que andam, pés que dançam: memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA)*. Belém: EDUEPA, 2011.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? in *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Silva, T. (Org.) p. 103-133. Petrópolis: Vozes, 2000.
- IAP. Antologia da Marujada, in *Cadernos IAP*. Couto, V. (Org.). Belém, 2000.
- LANDES, Ruth. [1947]. *A cidade das mulheres*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LEACH, E. *Sistemas políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1989.
- LIMA, Petrônio. *Entre Quilombos: circuitos de festas de santo e a construção de alianças políticas entre as comunidades quilombolas de Salvaterra – Marajó – Pará*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade federal do Pará, Belém, 2014.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MAUÉS, Raimundo H. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. *Estudos Avançados* 19 (53): 259-274, 2005.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva, in *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- ORTNER, Sherry B. Uma atualização da teoria da prática. In: Miriam Pillar Grossi, M. P.; Eckert, C.; Fry, P. (Org.). *Conferências e práticas antropológicas*. Brasília: ABA; Blumenau : Nova Letra, 2007.

\_\_\_\_\_. Poder e projeto: reflexões sobre agência. In: Miriam Pillar Grossi, M. P.; Eckert, C.; Fry, P. (Org.). Conferências e práticas antropológicas. Brasília: ABA; Blumenau : Nova Letra, 2007.

PEIRANO, M. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. *Campos* 7(2):9-16, 2006.

\_\_\_\_\_. 2004. *Rituais. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

RAVAGNANI, Luis. *A Festa de São Pedro na Vila de Joanes, Ilha de Marajó, Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2015.

ROSÁRIO, Ubiratan. *Saga do Caeté*. Belém: Cejup, 2000.

SILVA, José Maria. Festas e identidades na Amazônia, in *Revista Observatório Itaú Cultural* 14: 101-120. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

SILVA, Dedival. *Os tambores da esperança: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito na cidade de Bragança*. Belém: Falangola, 1997.

SILVA, Darnisson. *Festa na Amazônia, Imaginário & Múltiplos Cenários: reflexões etnográficas sobre o Sairé em Alter do Chão – PA*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 2015.

TURNER, Victor. *Floresta de Símbolos – aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EDUFF, 2005.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

\_\_\_\_\_. Estatuto Social da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança. 2005.

\_\_\_\_\_. Estatuto da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança. 1985.

\_\_\_\_\_. Marujada de São Benedito – Amazônia Bragantina / Pará. Disponível em: <<https://blogmanamani.wordpress.com/2015/07/29/marujada-de-sao-benedito-amazonia-atlantica/>>. Acessado em fev 2017.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - **Código de Financiamento 001**. Agradeço também a pesquisadora Larissa Alencar pelas conversas e contribuição com dados importantes de sua pesquisa, como entrevistas e fotografias.